ISSN 2237-258X

IMPRENSA ESPECIALIZADA COMO FONTE/OBJETO: CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA CULTURAL PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Specialized Press as a source/object: contributions of cultural history for the History of Physical Education

Prensa Especializada como fuente/objeto: contribuciones de la historia cultural de la Historia de la Educación Física

Thiago Pelegrini*

Ana Clara Bortoleto Nery**

Tony Honorato***

Resumo

Desde a constituição da Educação Física como campo disciplinar e como área de conhecimento no Brasil a publicação de impressos especializados vem a público. Na investigação sobre a trajetória da Educação Física, seja no campo da História, seja no campo da Educação, abordagens múltiplas foram ou são utilizadas de maneira que a imprensa especializada participa da forma proposta pelos referencias. Este artigo visa oferecer subsídios para pensarmos a História da Educação Física a partir da História Cultural e assim propor o uso da imprensa especializada como fonte e objeto de investigação. Atentando para as contribuições da História Cultural o artigo busca e propõe pontos de intersecção com a História da Educação Física, com a História e com a História da Educação, destacando a necessidade de incentivar a criação de especificidades das investigações na área da História da Educação Física a partir das revistas publicadas pela área desde a década de 1930. Chartier (1990) é o referencial central com a ideia de materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos. Assim, propomos que o impresso - aqui especificamente as revistas da área da Educação Física - seja analisado como objeto cultural que traz consigo as "marcas de sua constituição e de seus usos" (CARVALHO, 2003). A lista de periódicos ao final é um convite aos pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação Física. Imprensa periódica especializada. História cultural dos objetos.

Abstract

Since the establishment of physical education as a disciplinary field and as an area of knowledge in Brazil publishing specialized printed comes to the public. Research into the history of physical education, whether in the field of history, whether in the field of Education, multiple

* Professor Adjunto do Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina. Graduado em Educação Física pela UEM, Mestre em Educação pela UEM e Doutor em Educação pela UFU. E-mail: prof.thiago.uel@gmail.com

** Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), atuando na Graduação e na Pós-Graduação em Educação. Doutora em Educação pela FEUSP, com Mestrado em Educação pela UFSCar, onde realizou formação em Pedagogia. E-mail: neryanaclara@gmail.com

*** Professor na Universidade Estadual de Londrina (UEL), atuando na graduação em Educação Física e na pós-graduação em Educação (PPEdu). Doutor em Educação Escolar pela FCL/UNESP, Mestre em Educação pela UNIMEP e graduado em Educação Física pela FCT/UNESP. E-mail: tonyhonoratu@gmil.com

approaches have been or are used so that the specialized press participates in the form proposed by reference. This article aims to provide subsidies to think the History of Physical Education from the Cultural History and thus propose the use of the specialized press as the source and object of investigation. Paying attention to the contributions of cultural history, the article seeks and proposes points of intersection with the History of Physical Education, with History and the History of Education, highlighting the need to encourage the creation of specific investigations in the area of History of Education physics from journals published by the area since the 1930s. Chartier (1990) is the central reference to the idea of materiality of practices, objects and their uses. Thus, we propose that the form - here specifically the journals of the area of Physical Education - is analyzed as a cultural object that carries the "marks of their constitution and their uses" (CARVALHO, 2003). The list of journals at the end is an invitation to researchers.

KEYWORDS: History of the Physical Education. Periodic press specialized. Cultural history of the objects.

Resumen

Revista especializada se publican en Brasil desde el establecimiento de la educación física como un campo disciplinar y como área de conocimiento. La investigación sobre la historia de la educación física, ya sea en el campo de la historia, ya sea en el campo de la educación, múltiples enfoques han sido o son utilizados para que la prensa especializada participa en la forma propuesta por referencia. Este artículo tiene como objetivo proporcionar subsidios para pensar la Historia de la Educación Física de la historia cultural y por lo tanto proponer el uso de la prensa especializada como la fuente y objeto de investigación. Prestar atención a las contribuciones de la historia cultural Búsqueda de artículos y propone puntos de intersección con la Historia de la Educación Física, con la Historia y la Historia de la Educación, poniendo de relieve la necesidad de fomentar la creación de investigaciones específicas en el ámbito de la Historia de la Educación Física de las revistas publicadas por la zona desde la década de 1930. Chartier (1990) es la referencia central a la idea de la importancia relativa de las prácticas, objetos y sus usos. Por lo tanto, proponemos que la forma - aquí específicamente las revistas del área de Educación Física - se analiza como un objeto cultural que tiene las "marcas de su constitución y sus usos" (Carvalho, 2003). La lista de publicaciones al final es una invitación a los investigadores.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Educación Física. Prensa periódica especializada. Historia de la cultura de objetos.

INTRODUÇÃO

O subcampo da História da Educação Física tem recebido contribuições teóricas, incorporado instrumentais metodológicos de outras disciplinas e campos investigativos e visitado novas temáticas que têm enriquecido e renovado suas possibilidades de pesquisa. Entre os aportes teóricos utilizados destaca-se a História Cultural, que tem promovido nos estudos do campo a ampliação das áreas de interesse, objetos e temporalidades, além da recorrência comum a pressupostos interdisciplinares. Além disso, a atenção dispensada a outros objetos e tipos de fonte, também merece destaque, no caso específico da tematização desse artigo os subsídios da história do impresso foram sublinhados.

A História Cultural pressupõe a problematização dos fatos e períodos históricos a partir do exame dos diferentes aspectos da produção e do consumo cultural alterando as perspectivas

tradicionais da História da Educação Física centradas nas descrições factuais e na tematização de diferentes ideários pedagógicos. Diante dessas considerações, visando contribuir com o processo de investigação sobre objetos e fontes para a História da Educação Física a partir de novos referenciais analíticos propomos uma análise das potencialidades do exame dos impressos como objeto e fonte.

Certamente, têm-se a intenção de provocar pesquisadores a repensar o lugar da História da Educação Física na produção historiográfica e a fertilidade de promover uma aproximação com o campo da história cultural tendo como suporte a história do impresso. Partindo de uma análise das possíveis contribuições da História, da História Cultural e da História da Educação para o uso dos impressos como fonte e objeto de investigação, o artigo traz elementos para instigar os pesquisadores da História da Educação Física, chamando a atenção para a ampliação e/ou aprofundamento de suas temáticas ou mesmo o apelo a novas possibilidades a partir da imprensa especializada.

Com tal intuito o artigo realiza uma incursão na História Cultural buscando e propondo pontos de intersecção com a História da Educação Física, no sentido de indicar identidades e criar especificidades para este que pode ser chamado de subcampo. Num segundo momento busca compreender as maneiras de uso e apropriações da imprensa especializada nas investigações que tomam como referencial a História Cultural. Atentando para as diferenças entre o uso como fonte e como objeto de pesquisa da imprensa especializada, especificando as revistas, o artigo finaliza com um levantamento de revistas da Educação Física publicadas desde a década de 1930 até a atualidade.

História Cultural e História da Educação Física: encontros possíveis

Na historiografia contemporânea a ação de tencionar o paradigma tradicional e historicista, reuniu diversas correntes com destaque para "o movimento dos *Annales*, a História Social do Trabalho Inglesa, a *New History* Americana e mais recentemente a chamada Nova História Cultural" (VIEIRA, 2007, p. 11). Esse movimento de enfrentamento produziu novas frentes de pesquisa e provocou uma revisão de métodos de análise. No Brasil, a História da Educação Física, assim como muitas histórias especializadas, manteve-se inicialmente distante dessas discussões. Uma mudança pôde ser percebida, sobretudo, na década de 90 do século passado em que se intensificou uma aproximação com as preocupações que ocupavam o desenvolvimento da escrita da história numa perspectiva cultural e do diálogo com a terceira geração da Escola dos *Annales*.

Destaca-se que a História Cultural firmou-se como principal herdeira do movimento de renovação do campo historiográfico. A História Cultural apropriou-se não só de métodos e metodologias de investigação construídos pela Nova História, como também de seus pressupostos teórico-metodológicos. Nessa esfera, adotou alguns conceitos principais como representação, práticas, apropriação e imaginário e uma visão renovada da interpelação dos objetos e da delimitação de recortes históricos (BURKE, 1997).

A aproximação com a história cultural tem permitido aos pesquisadores da História da Educação Física a criação de um vínculo metodológico com os princípios de trabalho do historiador, especialmente, no cuidado com a construção e tratamento dos dados, a importância dada à produção de hipóteses e a adequação entre o discurso do saber e o objeto histórico eleito.

Esse mesmo cuidado tem sido demonstrado à incorporação do trato com as fontes documentais, realizado com acuidade, percepção de suas temporalidades, operações técnicas e aportes teóricos inscritos no campo historiográfico.

Nessa monta, destacam-se as contribuições da História Cultural à ampliação das áreas de interesse, objetos e temporalidades, além da recorrência comum a pressupostos

interdisciplinares. Desse modo, a História Cultural propõe-se a "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 16).

De acordo com Burke (2005), a expressão "nova história cultural" entrou em uso no final da década de noventa do século XX a partir da publicação do livro da historiadora Lynn Hunt que tinha a expressão como título. Burke (2005) assinala que a nova história cultural é a corrente historiográfica dominante no campo da história, sobretudo, nas pesquisas que se embrenham nos domínios da cultura.

Na esteira das acepções do historiador Georges Duby (1984), poderíamos delimitar, em síntese, o campo historiográfico da História Cultural a partir da preocupação partilhada com o exame dos mecanismos de produção dos objetos culturais e também das formas de recepção dos objetos produzidos.

A tarefa assumida pela História Cultural compõe-se da decifração dos significados, do exame minucioso de textos, imagens e ações que formam os domínios da prática e da produção cultural. Nas palavras de Vainfas (1997, p. 158), os autores engajados na história cultural "reabilitaram a importância dos contrastes e conflitos sociais no plano cultural".

A história cultural inclui diferentes linhas e correntes merecendo destaque os estudos sobre a escrita e a leitura, a microhistória e a nova história política (PESAVENTO, 2003). Na avaliação de Burke a nova história cultural deve ser conceituada como "uma mudança de ênfase, mais do que a ascensão de uma coisa nova, uma reforma da tradição, mais que uma revolução, como uma inovação cultural" (2005, p. 98).

Essas teorizações foram bem recebidas no campo da História da Educação no Brasil. Freitas (2005, p. 74) avalia que o contato com as obras da nova história cultural tem proporcionado o surgimento de "caminhos instigantes para o avanço do conhecimento e do ensino da história da educação brasileira". Os novos objetos e possibilidades investigativas referem-se à história da leitura e dos impressos escolares, a história da profissão docente, os processos de escolarização, a cultura escolar e as práticas educativas, entre outros.

Para Fonseca (2003, p. 72), a História Cultural contribuiu para um avanço na produção da História da Educação pelo "descortinamento de dimensões ainda pouco exploradas, fora da escola e da escolarização, bem com a imposição corajosa de novos olhares". Corrobora essa assertiva as afirmações de Warde (2003, p. 47) que considera que a eleição de novos métodos, de novos objetos e procedimentos investigativos "têm um débito especial com a chamada Nova História Cultural, com a qual a nossa historiografia da educação vem se aproximando".

Esse acercamento tem possibilitado aos pesquisadores a construção de um apreço especial pelo exame dos arquivos, uma inquietação com a procura de novos temas, um amadurecimento dos procedimentos e perspectivas de análise.

De forma análoga, para utilizar uma expressão de Melo (1999), o "subcampo História da Educação Física" tem aumentado quantitativa e qualitativamente sua produção e inserção institucional, bem como renovado suas opções teóricas e metodológicas (MELO, 1999; TABORDA DE OLIVEIRA, 2005; 2007; FERREIRA NETO, 2005). Deve-se levar em conta que um número expressivo de pesquisadores da História da Educação Física tem sido também formado em programas de pós-graduação da área de Educação e de História e tem escolhido como fórum de atuação e local de publicação de seus trabalhos, eventos, entidades e periódicos inscritos nesses dois campos.

No entanto, essas inovações têm sido recebidas com cautela pelos especialistas da área. Para Taborda de Oliveira (2007, p. 119), em termos historiográficos essa nova produção vem sendo marcada pela "repetição e a reiteração" de velhos procedimentos. O autor acredita que tem se realizado uma "história que apenas constata fatos e acontecimentos", especialmente quando se trata de temáticas voltadas para a história das ideias, ou seja, "mudamos de paladinos,

mas continuamos a enaltecer a tradição, os grandes feitos, os grandes eventos, os grandes nomes" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2007, p. 121).

Outra crítica endereçada aos estudos históricos da área refere-se à conservação de procedimentos antiquados para a delimitação das temporalidades que serão investigadas. A permanência de "marcos políticos, econômicos ou intelectuais de datação" têm impedido a observação de uma lógica temporal própria interna ao objeto eleito. Para Taborda de Oliveira (2007, p. 125), "os objetos têm uma temporalidade própria a qual está inscrita no seu próprio desenvolvimento, a despeito de ser evidentemente impactada por outras temporalidades".

Essa periodização submissa às eventualidades exteriores estabelece relações de continuidade com uma compreensão restrita da história para "explicar linearmente o presente", forjando no passado elementos para a comprovação de hipóteses pré-determinadas (MELO, 1999, p. 39).

Com relação à escolha e tratamento das fontes deve-se reconhecer sua multiplicidade e evitar o uso exclusivo de documentos oficiais como suporte, fato que tem se repetido nas produções da área. Melo (1999) aponta ainda uma utilização "excessiva de fontes secundárias" nesses estudos históricos, limitando sua qualidade e refinamento por repetir imprecisões historiográficas e apelar para métodos e classificações inapropriadas.

Parte da historiografia especializada que tem adotado esse instrumental acaba por repetir equívocos do passado "entendendo a história como um processo sempre de contexto", negligenciando "embates, conflitos, fissuras e dissensões, enfim justamente a sua historicidade" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 28). Para Melo (1999, p. 49), trata-se de estudos excessivamente descritivos com carência de evidências documentais que utilizam a história para justificar a contemporaneidade "a partir de uma compreensão linear de causa e consequência, onde o presente nada mais é do que o reflexo e a soma do que ocorreu no passado".

Essa reiteração de métodos inadequados impede uma "análise mais aguçada de aspectos particulares de tempo e espaço" e constitui uma propositura historiográfica carregada "de ausências, lacunas, desencontros" insuficiente para a compreensão das teias de relações que enredaram os objetos históricos que pretendiam examinar (GOELLNER et al., 2010, p. 392).

Apesar da veracidade das críticas endereçadas deve-se reconhecer um "movimento" de robustecimento das discussões históricas do campo que vêm sofisticando as postulações acadêmicas e fortalecendo tendências de pesquisa mais afinadas com a atualidade dos debates em torno dos modos de se fazer história. Este acontecimento impulsionado pelas produções de programas de pós-graduação tem "refletido qualitativa e quantitativamente na produção científica" (MELO, 1999, p. 40).

Considera-se que na contemporaneidade uma série de trabalhos acadêmicos pode ser recebida com entusiasmo, por sua efetiva contribuição para a realização de novos traçados históricos e sua colaboração na formação de novos pesquisadores em História da Educação Física. Concorda-se com a posição de Linhales (2006, p. 14) que frisa a intenção das pesquisas na área de "produzir uma historiografia orientada pelo alargamento das fontes, pela produção de novos recortes espaço/temporais, pela escolha de novos objetos e novas abordagens", cindindo-se de "uma história acontecimental e linear" ainda presente.

Sublinha-se, portanto, a assertiva de Melo (1999, p. 50) de que a "História da Educação Física e do Esporte precisa romper quaisquer fronteiras e resistências, descobrindo seu lugar no vasto campo de conhecimento da História". Desse modo, torna-se fundamental utilizar "referências e constructos teóricos da História", investindo-se no conhecimento sobre os modos de fazer história e aproximando-se dos princípios operativos do historiador.

Dentre as possibilidades engendradas por esse diálogo com o campo da História, e mais especificamente da História Cultural e a decorrente pluralidade de temas e objetos, desperta

atenção especial à potencialidade dos estudos sobre os impressos por sua fecundidade investigativa e pelo vasto repertório de fontes que sugerem para os estudos em História da Educação Física.

Impresso especializado como fonte/objeto para a História da Educação Física

Com a intenção de contribuir para o movimento de aproximação do campo da História da Educação Física com a perspectiva da História Cultural, elegeu-se sublinhar o corte temático da história do impresso e apontar pistas de como essa importante fonte pode ser utilizada e também escolhida como objeto, considerando sua relevância para a compreensão em profundidade da História da Educação Física em uma temporalidade circunscrita. Dentre uma miríade de possibilidades de impressos buscou-se iluminar a imprensa periódica especializada e mais especificamente as revistas.

Os periódicos representam um rico registro histórico que "concentra todo um conjunto de teorias e práticas" de origens diversas, oficiais e privadas que permitem revelar as múltiplas facetas dos atores sociais envolvidos com sua produção e compreender a multiplicidade de posições e disputas no campo. As revistas constituem um "testemunho vivo" de métodos e concepções, um observatório de moralidades e valores acionados por grupos específicos para impor sua autoridade (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Nessa mesma linha interpretativa, para Nóvoa (1993, p. 12-13) as revistas especializadas consentem o exercício de perceber as estratégias acionadas para efetivar uma "regulação coletiva" de usos autorizados, de entender "debates e discussões, polêmicas e conflitos", controvérsias e disparidades entre autores, editores, leitores, poderes públicos, organizações profissionais ou outras instâncias evocadas para o diálogo. Com efeito, demonstram modos de funcionamento, circulam saberes, práticas, normas e reivindicações de agentes que interferem no campo e em espaços institucionais.

Como afirma Nóvoa (1997, p. 31), a imprensa especializada aquinhoa toda a diversidade de manifestações que conformam uma área, expondo com todas as suas nuances os embates entre "projetos e realidades, entre a tradição e a inovação". Merece destaque o "carácter fugaz", as controvérsias, "a vontade de intervir na realidade", expressas em suas páginas conferindo um "estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação" e por analogia da Educação Física.

A opção pelo impresso permite revelar vozes, propostas, anseios e realidades de atores diversos que muitas vezes têm sido negligenciados pelas correntes historiográficas tradicionais, oficialistas. Defende-se, assim, que o exame da imprensa especializada permite apreender discursos que articulam práticas e teorias em disputa, exprime "desejos de futuro ao mesmo tempo que denuncia situações do presente" (NÓVOA, 1997, p. 11).

Suas materialidades fornecem indícios das estratégias editoriais acionadas, formas de circulação almejadas, "guardam as marcas de sua produção e de seus usos" (BICCAS; CARVALHO, 2000, p. 63). Fazem perceber as prescrições e regulamentos que orientaram as revistas e estabeleceram "padrões e procedimentos para sua produção, distribuição e uso" (BICCAS; CARVALHO, 2000, p. 63).

Na esteira da assertiva de Carvalho e Hansen (1996, p. 14), assume-se como fundamento que "o suporte ou a ordenação material da mensagem é signo", forma de organização da percepção dos destinatários visados, influindo na configuração de seu conteúdo e determinando modos autorizados de ler.

Essas fontes escritas foram compreendidas como artefatos culturais nos quais os textos que carregam e seu suporte constroem simbologias, moldam posturas, abalizam as relações de

forças que o fabricaram. Partilhando-se das teorizações de Le Goff (1996, p. 547), considera-se que os impressos enfocados resultam da "montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram", e dos períodos posteriores em que continuaram a ser "manipulados ainda que pelo silêncio".

As revistas especializadas podem ser analisadas ainda como estratégia de legitimidade discursiva no campo científico (BOURDIEU, 1998). Organizar e fazer circular certos saberes, em determinados momentos e com destinatários escolhidos, são elementos que imprimem ao suporte revista a característica de estabelecer uma linguagem própria que somente os sujeitos que participam de sua elaboração, difusão e consumo compreendem e compartilham. Assim, o grupo que organiza a revista, as condições efetivas de circulação, a adesão de autores ao projeto editorial, bem como a comunidade de assinantes/leitores, seu ciclo de vida e temporalidade ajudam a compreender os sentidos do empreendimento.

Em outras palavras, para o trabalho com os impressos deve-se reconhecer as coações e intenções inscritas que podem delinear-se, entre outros fatores, pelo pertencimento a uma comunidade sociocultural, pelas determinações de produção textual e a projeção das impressões daqueles que irão apoderar-se dos conteúdos e mensagens escritas. Torna-se imperioso, então, delinear a produção e a circulação de "um *corpus* de textos, uma classe de impressos, uma produção ou uma norma cultural" que conferem identidade a um grupo social (CHARTIER, 2002, p. 69).

Os impressos especializados são conceituados como organizações discursivas complexas relacionadas a sistemas de classificação, critérios de recorte e modos de significações, por vezes ambíguos e contraditórios, criando a necessidade de compreender as textualidades expressas "em sua descontinuidade e sua discordância". Não obstante, deve-se indagar-se a respeito "dos lugares (e meios) de produção", dos "princípios de regulação" dos enunciados e os modos de "abonação e veracidade" evocados para confirmar os princípios e posições defendidos (CHARTIER, 2002, p. 77).

Nessa esfera, centra-se na intenção de "reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada" (CHARTIER, 1990, p. 123). Em suma, empenha-se em reconstituir "o modo como os textos podiam ser apreendidos, compreendidos, manejados" (CHARTIER, 1990, p. 132). Sustenta-se a capilaridade e legitimidade dos textos impressos, sua capacidade de irrigar "todas as relações, todas as práticas" (CHARTIER, 1990, p. 139)[1].

Partilhando-se das compreensões de Certeau (1998) e Chartier (1990, p. 137), pretende-se, sem desprezar os desvios, reempregos singulares e táticas de subversão acionados pela apropriação, vasculhar os indícios contidos nos impressos do exercício da autoridade, das "vigilâncias e censuras de quem tem poder sobre as palavras".

Considerando-se a raridade de vestígios diretos, a variabilidade das formas de apropriação e de leitura dos impressos, inventivas, plurais e móveis como limites dificilmente transponíveis, o esforço de análise deve ser concentrado em desvendar os "protocolos de leitura" depositados no objeto impresso. Recomenda-se, assim, interpelar os indícios deixados pelo autor para indicar "a justa compreensão de seu texto", incluindo-se os recortes e deformações determinados pela editoração (CHARTIER, 2001, p. 77).

[1] Chartier considera que após Gutenberg "toda cultura do Ocidente pode ser considerada uma cultura do impresso" (1990, p. 139). Na mesma linha argumentativa para Darnton (1996, p. 15), a palavra impressa configura-se como "ingrediente do acontecimento" que ajuda a "dar forma aos eventos que registra", uma "força na história". Em complemento, para Certeau (1998, p. 48) a cultura contemporânea é marcada pelas práticas da escrita e da leitura, ambas estabelecem a mediação da realidade, produz-se a vida social como texto e interpreta-se pela "epopeia do olho e da pulsão de ler". Também Burke (2003) sublinha a importância fundamental da invenção da imprensa com tipos móveis por sua contribuição a difusão dos saberes, a interação entre pessoas, e o diálogo entre culturas diversas, possível pela padronização tipográfica de texto e imagem.

Uma possibilidade interessante para interpelar os objetos impressos é seguir os encaminhamentos metodológicos de Chartier (2001, p. 96) que indicam examinar "os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele, os limites de sua possível recepção" e compreender o suporte como parte do processo de significação dos textos produzidos. Nessa acepção partilha-se da assertiva de Chartier de que "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor" (CHARTIER, 1990, p. 127).

Ressalva-se que enfocar a leitura dirigida e prescrita pelo impresso não significa desvelar as leituras efetivamente realizadas ou afirmar que todos os leitores seguiram os protocolos de leitura inscritos por autores e editores. Admite-se que o conhecimento das práticas culturais de leitura permanecerá, provavelmente, "inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios" (CHARTIER, 2001, p. 105).

Evidentemente, não se pode furtar da constatação tomada de empréstimo de Certeau (1998) e da qual Chartier se serve de que o consumo cultural é uma produção, mesmo que "silenciosa, disseminada, anônima" e de que "cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal" (CHARTIER, 1999, p. 17). Tampouco se abandona a teorização de Certeau (1998) de que a leitura é sempre invenção e produção de significados. Uma "bricolagem" que manipula os sentidos pretensos conforme interesses e regras subjetivas acionadas pelo leitor, uma produção silenciosa que promove "flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectação de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera" (CERTEAU, 1998, p. 49).

Para Chartier (1999, p. 77), o texto apreendido não mantém, ao menos plenamente, "o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores". O leitor "desloca e subverte" sentidos e intenções, porém o faz obedecendo a certas "limitações, convenções e hábitos" que distinguem modos de ler e de apropriar-se. Ademais, a figura do leitor é sempre idealizada pelo autor e pelo editor com o propósito de ser sujeitado a um "sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada" (CHARTIER, 1990, p. 123).

Necessita-se considerar, consequentemente, que a despeito das tentativas de autores e editores de "impor explicitamente maneiras de ler, códigos de leitura", os impressos dependendo de sua circulação, constantemente sofrem "apropriações mal governadas, contrassensos, falhas na relação entre o leitor ideal, mas no limite singular, e de outra parte o público real" (CHARTIER, 2001, p. 245).

Os dispositivos materiais, textuais e tipográficos acionados para efetuar a modelização dos leitores destinatários, desse modo, podem ser subvertidos pelo uso de táticas estabelecendo uma possível distância entre leituras e prescrições. Certeau (1998) evidencia com maestria a complexidade das relações estabelecidas entre a produção de objetos culturais e seus usos cotidianos, refletindo as tensões e violências submetidas ao consumo e as práticas de oposição e enfrentamento. A tática, instrumento dos leitores, joga com o "terreno que lhe é imposto", é móvel e aproveita as ocasionalidades, utiliza as falhas nos esquemas de vigilância, "aí vai caçar; cria ali surpresas; consegue estar onde ninguém espera" (CERTEAU, 1998, p. 100-101).

As táticas, discorre Certeau (1998, p. 104), definem-se por um conjunto de "gestos hábeis do 'fraco' na ordem estabelecida pelo 'forte', arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos". São ações aleatórias e incontroláveis que agem no interior de uma "imensa rede de coerções" e disciplinamentos. A leitura entendida como tática transgride, trapaceia, insinua "sua inventividade nas brechas de uma ortodoxia cultural" (CERTEAU, 1998, p. 268).

No entanto, o reconhecimento da pluralidade e inventividade das formas de ler não inviabiliza a delimitação de uma análise dos dispositivos textuais que "impõem necessariamente ao leitor uma posição relativa à obra, uma inscrição do texto em um repertório

de referências e de convenções, uma maneira de ler e compreender" que tendem a reduzir a possibilidade de uma leitura dúbia e imprecisa (CHARTIER, 2001, p. 100).

Detalhadamente essa proposição tenciona os procedimentos de produção de textos e as tarefas de editoração dos impressos. Para decifrar os textos opera-se a busca de "senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela", instruções que objetivam "definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido". Manifestam-se nos textos por meio de estratégias diversificadas tais como convenções, classificações, técnicas narrativas que compõe "um protocolo de leitura", responsável por aproximar o leitor de uma maneira de ler permitida (CHARTIER, 2001, p. 96-97).

Cruza-se esses direcionamentos com o exame da "disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração", circulação e divulgação, técnicas e instrumentos pertencentes aos modos de impressão e as decisões editoriais. Muito mais influentes do que simples procedimentos estéticos, a organização editorial e tipográfica "pode sugerir leituras diferentes de um mesmo texto", por meio de marcas deixadas no próprio objeto, dos modos de ler almejados (CHARTIER, 2001, p. 97). Nessa mesma linha, considera-se que a imposição de um "sentido 'literal' é o sinal e o efeito de um poder social, de uma elite" (CERTEAU, 1998, p. 267).

Tornam-se chaves para a compreensão dos impressos seu formato, sua encadernação, "a distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários", entre outros aspectos que compõe estratégias editorias e constituem sentidos autorizados para os textos (CHARTIER, 1999, p. 7). Compromete-se, dessa maneira, em desvelar as implicações dessas formatações nos estratagemas que "editores ou autores exercem sobre essas formas encarregadas de exprimir uma intenção, de governar a recepção, de reprimir a interpretação" (CHARTIER, 1999, p. 35).

Considera-se, desse modo, a pertinência da proposição de Bourdieu e Chartier (2001, p. 235) a respeito do "fato de que os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de usar". Importa para análise empregada os formatos e simbologias tipográficas o emprego das maiúsculas, os títulos, os subtítulos etc., como "manifestações de uma intenção de manipular a recepção", "uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça" (BOURDIEU e CHARTIER, 2001, p. 235).

Em concordância com Bourdieu e Chartier (2001, p. 243), assume-se a validade de investigar as lutas pelo "monopólio da leitura legítima", da atribuição do valor e merecimento de um texto impresso, da imposição de modos de ler, "isto é, o bom modo de apropriação". Pauta-se pela observação cautelosa de signos expressos, do esforço de controlar a recepção. Sob essa ótica, torna-se pressuposto essencial a análise de textos, impressos e documentos como portadores de discursos representativos das relações de poder e legitimidade, estabelecidas entre atores e instituições sociais.

Frisa-se que trilhar esses caminhos metodológicos para abordar fontes e propor objetos na História da Educação Física configura-se um pertinente percurso historiográfico que vem sendo enfrentado por pesquisadores do campo (BRANDÃO, 1994; TABORDA DE OLIVEIRA, 2001; FERREIRA NETO et al., 2002; GOELLNER, 2003; SCHNEIDER, 2003; LINHALES, 2006; VAGO, 2010; SOARES, 2011; PELEGRINE, 2014; outros). Entre o amplo conjunto de impressos especializados em Educação Física, tem-se a pesquisar:

Quadro 1: Periódicos especializados em Educação Física e Esporte

Título	**Período**
Revista de Educação Física	1932 – 2000

Educação Physica	1932 – 1945
Boletim de Educação Física	1941 –1958
Revista Brasileira de Educação Física	1944 – 1952
Arquivos da Escola Nacional de EF e Desportos	1945 – 1966
Revista da APEF – São Paulo	1953 – 1979
Boletim da FIEP	1969 – 1989
Revista Brasileira de Educação Física e Desportos	1968 – 1984
Esporte e Educação	1969 – 1977
Artus	1970? – 1999
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	1979 – 2016*
Comunidade Esportiva	1980 – 1986
Revista da APEF – Londrina	1982 – 1999
Sprint	1982 – 2000
Corpo e Movimento	1983 – 1985
Revista Kinesis	1984 – 2016*
Revista Paulista de Educação Física/ Rev. Bras. Educação Física e Esporte	1986 – 2016*
Revista Brasileira de Ciência & Movimento	1987 – 2016*
Revista da Fundação de Esporte e Turismo	1988 – 1991
Motrivivência	1988 – 2016*
Revista da Educação Física/UEM	1989 – 2016*
Educativa	1991 – 1992
Discorpo	1993 – 1999
Revista Mineira de Educação Física	1993 – 2016*
Motus Corporis	1993 – 20??
Pesquisa de Campo – Rev. Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ	1994 – 1997
Caderno de Debates	1994 – 1998
Movimento	1994 – 2016*
Motriz	1995 – 2016*
Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	1995 – 2016*
Corporis	1996 – 1998
CorpoConsciência	1997 – 2016*
Perfil	1997 – 20??
Revista Brasileira de Medicina do Esporte	1997 – 2016*
Pensar a prática	1998 – 2016*
Licere	1998 – 2016*
Conexões	1998 – 2016*
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	1999 – 2016*
Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte	2002 – 2016*
Motricidade	2005 – 2016*
Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	2005 – 2016*
Esporte e Sociedade	2005 – 2016*
Coleção Pesquisa em Educação Física	2007 – 2016*
Educação Física em Revista	2007 – 2016*
Recorde: Revista de História do Esporte	2008 – 2016*
Revista Brasileira de Futebol	2008 – 2016*
Revista Brasileira de Futsal e Futebol	2009 – 2016*
ALESDE	2011 – 2016*
Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada	2012 – 2016*

Fonte: Ferreira Neto et al. (2002); Site dos periódicos; WebQualis CAPES. *Em publicação no ano de 2016.

Todas as revistas acima listadas, ao lado de revistas que não são específicas do campo da Educação Física, podem ser analisadas como fontes e objetos de investigações sobre práticas e saberes. Compreender as formas pelas quais os impressos são produzidos, circulam e são apropriados faz com que se perceba e se evidencie as potencialidades da sua gênese e

constituição enquanto área de conhecimento e disciplinar. As revistas pedagógicas do final do século XIX e início do século XX, por exemplo, trazem indícios de como a discussão em torno do uso do corpo e das práticas esportivas no interior da escola são realizadas no momento de constituição do campo educacional brasileiro e também de gênese da Educação Física como área de conhecimento e de formação. O surgimento dos periódicos específicos da área da Educação Física, como os seis primeiros listados na tabela acima dão conta da construção de sua especificidade identitária em meio aos vários outros periódicos que tomam forma no mesmo momento. Os impressos produzidos por e destinados a uma comunidade de leitores pertencentes à área da Educação Física apresentam indícios de como determinada circunstância histórica foi compreendida, interpretada e que ações foram buscadas para sua decifração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História da Educação Física vem se renovando pela aproximação com a Nova História e mais especificamente com a História Cultural. Novos objetos, abordagens, métodos, fontes e teorizações têm provocado o revigoramento das investigações. Estritamente nesse texto buscou-se elucidar algumas possibilidades relacionadas ao corte temático impresso especializado – revistas.

Investigar os impressos produzidos e destinados à área da Educação Física configura-se como um instigante itinerário para abordar a diversa e múltipla realidade cultural na qual essa disciplina foi se constituindo, estruturando e consolidando. Permite um repensar da historicidade das construções simbólicas, das práticas e apropriações que constituíram o campo da Educação Física.

Como fonte e objeto da História da Educação Física, os impressos especializados permitem produzir uma história que tem por objetivo os estudos não apenas dos conteúdos das revistas dados a ler, mas também a materialidade, ciclo de vida do periódico, formas de produção/distribuição/circulação/recepção cultural dos objetos, bem como os estudos dos agentes envolvidos, estratégias editoriais, vestígios de apropriações, regulações coletivas de usos autorizados, lutas pelo monopólio legítimo da leitura e o estabelecimento da periodização histórica interna ao objeto e à fonte. Desse modo, o impresso especializado é entendido como "testemunho vivo" e estratégia de inculcação de práticas e saberes culturais referentes ao corpo na escola e fora dela e referentes à própria constituição, estruturação e continuação da Educação Física como campo acadêmico, profissional e disciplinar.

À medida que a Educação Física adquire existência e valor cultural por meio de seus impressos, amplia-se a importância dos professores, dos pesquisadores, dos autores, dos leitores, dos métodos e dos objetos da área para provocarem entendimentos sobre a educação do corpo, práticas corporais, esportes, saúde do corpo, manifestações de lazer, visões de mundo e representações da sociedade. Assim, para finalizar, deixa-se ao leitor, por meio deste periódico especializado, o convite ao mergulho nos estudos dos impressos do campo da Educação Física a partir da História Cultural e ressaltando que os periódicos podem ser estudados também por outros modos de se fazer a escrita da História.

REFERÊNCIAS

BICCAS, M. S.; CARVALHO, M. M. C. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: A Revista do Ensino. In: CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, D. G. (orgs.). *Biblioteca e formação docente:* percursos de leitura (1902-1935). Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica/ Centro de Memória da Educação/FEUSP/FINEP, 2000.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural – Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, R. (direção). *Práticas de Leitura.* Tradução de

Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1988.

BRANDÃO, C. F. *A produção científica da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1978-1933).* 1944. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989):* a revolução francesa da historiografia. São Paulo: FEU, 1997.

_____. *Uma história social do conhecimento:* de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, M. M. C.; HANSEN, J. Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier. *Varia história*, Belo Horizonte: UFMG, nº. 16, p. 7-24 set/1996.

_____. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In.:_____. *A Escola e a República e outros ensaios.* Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2003. p. 267-280.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. *Educação em Revista:* a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano* – Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998, 3 ed.

CHARTIER, R. *A história cultural:* entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A ordem dos livros:* leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. (direção). *Práticas de Leitura.* Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *À beira da falésia:* a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DARNTON, R. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (orgs.). *Revolução impressa:* a imprensa na França – 1775-1800. São Paulo: EDUSP, 1996.

DUBY, G. A história, um divertimento, um meio de evasão, um meio de formação. In: LE GOFF, J. *A Nova História.* Lisboa: Edições 70, 1984.

FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K. P.; BOSI, F.; SANTOS, W. *Catálogos de periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000).* Vitória: Proteoria, 2002.

FERREIRA NETO, A. (org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.* Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FONSECA, T. N. L. História da Educação e História Cultural. FONSECA, T. N. L.; VEIGA, C. G. *História e Historiografia da Educação no Brasil.* Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, A. M. G. B. Cultura Escolar, Práticas Educacionais e Profissão Docente: balanços do campo da História da Educação. MIGUEL, M. E. B.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *A Educação Escolar em Perspectiva Histórica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina*: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 3. trim. 2010.

LE GOFF, J. *História e memória.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LINHALES, M. A. *A escola, o esporte e a "energização do caráter":* projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MELO, V. A. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil:* panorama e perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 1999.

NÓVOA, A. *A imprensa de educação e ensino* – repertório analítico (séculos XIX e XX). Coleção Memórias da Educação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). *Educação em Revista* – A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

PESAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. São Paulo: Autêntica, 2003.

PELEGRINE, T. *A Revista Brasileira de Ciências do Esporte e a Revista Stadium:* materialidades, estratégias editoriais e representações (1979-1986). 2014. 386 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2014.

SCHNEIDER, O. *A revista Educação Physica (1930-1940):* estratégias editoriais e prescrições educacionais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOARES, C. L. *As roupas nas práticas corporais e esportivas:* a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba:* entre a adesão e a resistência. 2001. 398 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

_____. Sobre a experiência e a história – a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira. FERREIRA NETO, A. (org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.* Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. Renovação historiográfica na educação física brasileira. SOARES, C. L. (org.). *Pesquisa sobre o corpo:* ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.

VAGO, T. M. *Histórias de educação física na escola.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. *Domínios da História.* Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M (org.). A. *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WARDE, M. J. Historiografia da Educação Brasileira: mapa conceitual e metodológico. (dos anos 1970 aos anos 1990). *Revista do Mestrado em Educação*, UFS, v. 6, p. 45-50, fev./jun. 2003.

Recebido em: 18/03/2016
Aprovado em: 25/07/2016